

As missões e a experiência religiosa do Padre Ibiapina nos Sertões do Nordeste (1860-1873)

Osicleide Lima Bezerra – UFPB
José Willinton Germano – UFRN

RESUMO

Este trabalho analisa a ação missionária do Padre Ibiapina no Nordeste Brasileiro, um antecessor do Padre Cícero, destacando sua orientação pragmática voltada para o trabalho, a oração e a caridade, o que se concretizava no cotidiano das vinte e duas Casas de Caridade erguidas pelo missionário através das missões. Esta experiência religiosa, como veremos, produziu um modelo racional para a organização da vida em meio à miséria que as secas provocaram no Nordeste na segunda metade do século XIX. O texto indica o alcance da experiência religiosa que o missionário suscitou nas populações locais entre os anos de 1860 e 1873 pelos sertões de cinco Estados da região Nordeste (Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte).

Palavras-chaves: Padre Ibiapina; Trabalho; Missões; Pobreza; Religiosidade.

ABSTRACT

This work analyses Father Ibiapina's missionary action in the Brazilian Northeast, a predecessor of Father Cicero, emphasizing his pragmatic orientation towards labour, prayer and charity, as represented in the daily life of the twenty two Charity Houses built by the missionary during the missions period. This religious experience, as we shall see, produced a rational model for the organization of life in the context of the poverty caused by the draughts in the Northeast during the second half of the nineteenth century. The text indicates the range of the religious experience that the missionary evoked in the populations of the outbacks of five States in the Northeast region (Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte) between 1860 and 1873.

Key-words: Father Ibiapina; Labour; Missions; Poverty; Religiosity.

INTRODUÇÃO

“Padre Ibiapina: advogado, pastor e Pai dos órfãos”. Este é o título de um cordel de Manoel Monteiro, produzido em Campina Grande (PB) em 2006. José Antônio de Maria Ibiapina¹, o Padre Ibiapina (1806-1883), nasceu na cidade cearense de Sobral, foi deputado, advogado, juiz de direito. Aos 47 anos decidiu abandonar a vida civil e se tornar padre. Posteriormente foi peregrinar pelos sertões do Nordeste brasileiro a fim de construir “uma obra de assistência e educação, a fim de curar o operário e preparar para fins domésticos a mulher pobre dos sertões” (MARIZ, Celso, 1997, p.114). Ele teria sido, conforme um de seus principais biógrafos, um homem “profundamente preocupado em combater a ociosidade, a negligência, os vícios e os crimes” (MARIZ, Celso, 1997, p.116). O cordel de Manoel Monteiro conta:

Aos 26 anos tinha/Anel de doutor na mão/E u’a moça bonita/Plantada no
coração/Só que a bela Carolina/Envolveu Ibiapina/Com os laços da traição

Juntando a decepção/Desse amor desventurado/O pai condenado à morte

E o irmão degredado/Pra Fernando de Noronha/Essa lembrança medonha

Esteve sempre ao seu lado/Contava 47 anos quando iniciou a vida sacerdotal

E o Nordeste ganhou/Um grande obreiro e um Santo/Fato provado como
tanto de obras que semeou./Naqueles tempos difíceis/De medicina precária

Alguns morriam de cólera/Outros de tifo e malária/Até o reles sarampo/
Atacava vila e campo/Com fúria extraordinária.

O Padre Ibiapina peregrinou por cinco Estados da região Nordeste (Rio Grande do Norte, Paraíba, Ceará, Pernambuco e Piauí) construindo açudes, cemitérios, capelas, cacimbas, igrejas e Casas de Caridade. Suas obras, suas missões por vilas e cidades, e a lembrança de sua presença permanecem na memória popular e podem ser observadas através de uma visita ao Santuário de Santa Fé, localizado no brejo paraibano, no município de Solânea (PB). O Santuário reúne a antiga Casa de Caridade de Santa Fé, a casa onde o Padre Ibiapina morou seus últimos anos de vida e onde ele morreu, além de uma igreja, um museu, uma pequena capela que guarda seus restos mortais, a casa que abrigava as beatas² e outros prédios anexos construídos posteriormente. Também conhecido como *Santuário do Padre Ibiapina* – o lugar recebe devotos vindos de vários Estados do país e das cidades e arredores vizinhos.

¹Este é o nome de batismo do Padre Ibiapina; no entanto ele adotou o nome Maria em substituição ao Pereira quando se tornou religioso ficando conhecido então como José Antônio de Maria Ibiapina; a adoção do Maria é uma referência à Maria, mãe de Jesus. Iremos nos referir ao Padre, daqui para frente, como Padre Ibiapina ou José Antônio de Maria Ibiapina.

²Segundo Hoornaert (1990, p. 170), beato ou beata é o “tipo de cristão engajado na “via peregrina” ou no cristianismo itinerante. É chamado “devoto” ou “romeiro”. Foi marginalizado pela romanização” (grifos do autor). É neste sentido que usamos o termo no texto, referindo-nos aos seguidores devotos do Padre Ibiapina.

Os romeiros vão até o local agradecer por curas atribuídas à fé no Padre Ibiapina, pagar promessas e orar pelo missionário que é considerado um santo pelas populações locais³.

As Casas de Caridade figuram como suas principais obras e totalizam vinte e duas. Pela leitura e análise dos documentos da época chama atenção o modelo empregado nestas instituições, de orientação, regulação, moralização dos acolhidos através do trabalho – categoria que assumia um valor positivo e moderno, no contexto de uma sociedade ainda escravocrata, quando ainda parecia muito incipiente pensar uma educação para o trabalho. Este artigo, que reproduz resultados parciais de uma pesquisa maior⁴, apresenta uma análise das missões do Padre Ibiapina e procura indicar o alcance da experiência religiosa que o missionário suscitou nas localidades por onde peregrinou através do trabalho. Pudemos realizar algumas visitas de campo e entrevistas abertas⁵, mas a pesquisa realizada teve caráter primordialmente documental; foram considerados estudos dos relatos das missões produzidos por beatos e beatas, seguidores do Padre Ibiapina na época e é sobre este material que nos debruçamos. O texto segue a seguinte estrutura: inicialmente apresentamos a ação missionária do Padre Ibiapina destacando sua orientação pragmática voltada para o trabalho, a oração e a caridade, o que se concretizava no cotidiano das Casas erguidas e mantidas sob acompanhamento do missionário. Em seguida analisamos como esta experiência religiosa promoveu um modelo racional e pragmático de organização da vida em meio à miséria que as secas provocaram no Nordeste na segunda metade do século XIX.

A ATIVIDADE MISSIONÁRIA E A MOBILIZAÇÃO POPULAR

A mobilização popular que o Padre Ibiapina provocava por onde passava, bem como suas ações de moralização, orientadas pelos preceitos religiosos cristãos, possuíam um caráter paradoxalmente moderno e eram marcadas por uma valorização do trabalho e pela construção de um modelo de ordenação social ancorado nas noções de civilidade, regularidade, disciplina, moralidade e utilidade social. Dentro das suas instituições o trabalho era considerado um elemento disciplinador e purificador, capaz de atalhar a ociosidade, “perigosa inimiga da alma”.

A atividade missionária de Ibiapina, que vai de 1860 a 1873, é dividida por Hoornaert⁶ (2006) em três períodos: de 1860 a 1864 ele teria atuado no chamado Cariri Velho, fazendo uma breve excursão posterior para Fortaleza, Sobral e Acaraú (CE). Entre 1865 e 1870, descritos como os anos mais intensos de sua atividade missionária, ele teria se dividido entre o Cariri Velho, indo de Missão Velha (CE)

³A Organização da Sociedade Civil e de Interesse Público (OSCIP) Para’iwa juntamente com a PBTur e o SEBRAE, com a colaboração do governo do Estado criaram em 2004 um projeto intitulado “Os caminhos do Padre Ibiapina”. O roteiro ecológico e religioso de peregrinação, inspirado no espanhol Caminho de Santiago de Compostela, passa por localidades como Guarabira (PB) e Bananeiras (PB) e outros municípios e leva ao Santuário de Santa Fé. O roteiro turístico tem servido para muitos romeiros visitarem e conhecerem a história do Padre Ibiapina.

⁴A pesquisa intitulada “Trabalho, pobreza e caridade: as ações do Padre Ibiapina nos sertões do Nordeste” foi realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Ver: Bezerra (2010).

⁵Realizamos entrevistas com o Reitor do Santuário e com uma das freiras responsáveis pelo lugar, além de alguns registros dos relatos dos próprios romeiros.

⁶O autor certamente se valeu do relato do beato Bernardino Gomes de Araújo, corrigido e editado por Paulino Duarte e publicado pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará nos anos de 1913, 1914 e 1915, para apontar o ano 1860 como o ano em que se iniciam as missões.

para a região de Pocinhos (PB), Bezerras (PE) e de volta para Missão Velha e mais tarde para Milagres (CE). Daí volta para o alto sertão paraibano e retorna novamente ao Ceará, para o atual município do Crato. Entre 1870 e 1872 ele teria percorrido a região central do Estado do Piauí. Entre 1872 e 1876, o missionário dedica-se ao Cariri Velho. Sua última viagem teria sido para Baixa Verde (atual município de Triunfo - PE), de onde ele seguiria em 1876 para a “matriz”, a Casa de Caridade de Santa Fé (Solânea - PB), ficando até sua morte, em 1883.

No relato de Bernardino Gomes de Araújo, atualizado por Carvalho (2008, p. 67), temos descritas as primeiras missões a partir do ano de 1860 – data que relata a chegada do Padre Ibiapina na povoação de Gravatá (PE). A partir de então, ele daria início a uma fase da vida em que estaria completamente voltado para o atendimento dos pobres, movido pelo sentido da caridade cristã, mas também impulsionado pelo anseio de atender moralmente, economicamente e socialmente os desassistidos dos sertões. Suas missões significaram a execução de um conjunto de obras de assistência social, já que elas se orientavam não só pelos princípios da ética religiosa cristã, mas também porque sustentavam um ideal de civismo e de moralidade pública ao qual se ligava o Padre Ibiapina.

Através das missões organizavam-se mutirões concentrados para as construções das Casas de Caridade, dos hospitais, dos açudes e demais obras – tudo realizado a partir das esmolas e doações obtidas pelo missionário. Embora o missionário não tenha atuado politicamente de maneira direta junto às autoridades públicas durante seu período de atividade missionária, esteve circulando próximo de grupos sociais distintos economicamente e politicamente. Não somente os pobres, que seriam atendidos prioritariamente por suas obras, eram mobilizados em suas missões, mas também famílias ricas. As missões, neste caso, serviam aos potentados locais como um momento para remissão dos pecados através da prática da caridade, já que muitos faziam doações para as obras. Contudo, as articulações políticas não são destacadas nos relatos das missões e parece não ter existido forte proximidade do Padre Ibiapina com as autoridades políticas das províncias e vilas por onde ele pregou. Por outro lado, como toda comunidade era mobilizada, certamente ele deve ter contado com a presença e participação considerável inclusive dos grupos dominantes. Ele passaria a mobilizar por meio do discurso religioso, portanto, em nome da fé, da salvação das almas, e da boa moral cristã, comunidades inteiras, que se punham a seu serviço, e sob suas ordens; algo que ele não tinha conseguido durante seus anos de atuação enquanto chefe de polícia, juiz ou parlamentar.

Luitgarde Barros (2008), referindo-se não só ao Padre Ibiapina, mas também ao Padre Cícero, de Juazeiro do Norte (CE), e a Antônio Conselheiro, de Canudos (BA), aponta algumas características importantes destes três personagens que fizeram com que eles arrebanhassem multidões de devotos: a perfeita identificação com o povo, a forma de comunicação e a constante preocupação com os sentimentos de dignidade do sertanejo. Além do Padre Cícero e de Antônio Conselheiro devemos citar

também o Beato Zé Lourenço, menos conhecido. José Lourenço Gomes da Silva foi um seguidor do padre Cícero e esteve à frente de uma comunidade conhecida como o Caldeirão⁷.

O modelo missionário executado pelo Padre Ibiapina seguia o tradicional parâmetro das “Santas Missões”. Resumidamente, seus objetivos eram o afervoramento religioso, ocasião de conversões e regularização da vida, reconciliação dos ódios, afastamento dos abusos e superstições, volta aos sacramentos. E a jornada se estendia através dos mutirões de trabalho, que, no caso, se conectavam com a moralização e o disciplinamento dos fiéis. Com relação à temática de uma missão, geralmente envolvia sermões sobre o amor de Deus, “imortalidade da alma, necessidade da salvação e conversão, existência do inferno, o juízo final, a condenação das vinganças, a luxúria, etc.” (FRAGOSO, 1985, p.209). O programa geralmente se organizava da seguinte forma: o dia se iniciava com a missa matinal das cinco ou seis horas. O povo ouvia o missionário, que, do púlpito, explicava a doutrina cristã começando pela existência de Deus até o juízo final. Em seguida ensinava-se o catecismo às crianças e preparação para a primeira comunhão. Depois, o atendimento para as confissões. Durante a tarde havia ainda explicação da Doutrina religiosa com base em algum texto evangélico. E, no tempo intermediário “o missionário mobilizava o povo para os trabalhos da igreja, do cemitério, de açudes, de cacimbões, de estradas. O povo carregava em procissão, ao som de hinos e cânticos, madeiras, pedras, tijolos.” (FRAGOSO, 1985, p.210). Com esta áurea festiva, as missões representavam momentos de expiação, pregação, mas também de grande festividade.

Outro dado importante é a forma como o Padre Ibiapina agia localmente e sua capacidade de criar células de atuação popular. Durante as missões ele buscava pessoas dispostas a permanecer no cuidado e atenção dos pobres e desvalidos após sua partida. Sua passagem era sempre efêmera e geralmente durava algumas semanas. Após erguer suas construções, através dos mutirões, ele seguia viagem para outras vilas e províncias. Por isso era fundamental despertar “vocações locais” (CARVALHO, 2008, p.40). Estas “vocações locais” foram surgindo ao longo dos anos e acabou constituindo comunidades de Irmãos e Irmãs, beatos e beatas. Nas Casas de Caridade sempre havia uma beata a frente das outras irmãs, que fazia o papel de diretora. Ao final dos trabalhos, o Padre deixava organizada uma estrutura mínima para seu funcionamento que contava com uma equipe interna composta por uma Superiora, Vice-superiora, Mestra, Enfermeira, Dispenseira e Cozinheira, além do pessoal externo.

⁷Ver mais a respeito em: Silva, 2009. Todos eles têm em comum uma intervenção ou talvez até se possa dizer de uma re-fundação da vida social dos lugares onde atuaram. Estes três têm como precursor o Padre Ibiapina, o qual os teria influenciado em sua maneira de atuar junto ao povo, de solucionar problemas fundamentais da população, embora pouco se reconheça e pouco se saiba a respeito do alcance desta influência sobre eles. Sabe-se, por exemplo, em que em 1863 quando Ibiapina realiza missão no Crato (CE), o jovem Cícero Romão Batista teria tomado conhecimento de suas pregações. Dois anos depois, em 1865, no dia 2 de fevereiro, o Padre Ibiapina inaugurava solenemente uma Casa de Caridade na região, e a esta comemoração estava presente Cícero Romão Batista, que dois meses depois, em 2 de abril, matriculava-se no Seminário de Fortaleza, aos 21 anos (ARAÚJO, F. Sadoc de, 1996). Com relação a Antônio Conselheiro, sabe-se que ele também esteve presente às missões do Padre Ibiapina em Sobral (CE). Na época, o futuro Conselheiro, então Antônio Vicente Maciel, era Caixeiro em Sobral e vivia em comunhão com uma sobralense. Segundo F. Sadoc de Araújo (1996): teria sido “o profundo desgosto por causa da infidelidade da mulher e as pregações do Padre Ibiapina o motivo desencadeador de sua tendência para o misticismo, que o levou às aventuras de Canudos” (p. 356). Sadoc também cita o Padre José Tomás de Albuquerque, o fundador da cidade de Tianguá, missionário dos sertões do Ceará, como mais um religioso influenciado pela figura do missionário.

TRABALHO, ORAÇÃO E CARIDADE NAS CASAS DO PADRE IBIAPINA

As vinte e duas Casas de Caridade erguidas pelo Padre Ibiapina através dos mutirões de trabalho foram instituições destinadas ao recebimento de órfãos. Sabemos que elas foram prioritariamente, ao que nos parece, instituições destinadas às órfãs meninas. Mas também meninos devem ter sido recebidos e mantidos separados das meninas; e não há maiores referências ao tratamento dado aos meninos nas instituições. Portanto, ficamos com análises produzidas a partir dos documentos que sempre estão tratando das instituições como destinadas às meninas.

O recebimento das mulheres para educação e moralização dentro dos princípios cristãos da época, é inclusive objeto de estudo de três produções acadêmicas⁸. O tema instiga investigadores a analisar a pedagogia de educação do padre, além do recebimento destas órfãs naquele contexto de ausência de instituições de assistência social aos carentes ou ainda a própria presença feminina, através das beatas, diretoras, visitadoras e mestras que estiveram ao lado do Padre Ibiapina e foram personagens absolutamente fundamentais para a existência e funcionamento das Casas de Caridade. Embora não seja nosso objetivo analisar o papel destas mulheres, é indispensável ressaltar sua importância. As Casas foram os centros fixos de irradiação das ideias do missionário – de educar através do trabalho, de moralizar, de ensinar virtudes. Nelas, as órfãs estudavam, aprendiam ofícios considerados próprios à época e ao sexo feminino; além disso, trabalhavam.

As filhas espirituais de Ibiapina adquiriam prendas domésticas, noções industriais, letras, musica, tudo de um ruralismo simples, aplicado com senso a cada região de cada província. Mas as órfãs de Ibiapina sabiam cosinhar, fiar, tecer, costurar, plantar sementes em tempo certo, fazer chapéu de palha, conforme o tipo, a necessidade, a determinação climática e social de cada zona. (MARIZ, Celso, 1997, p.274).

O próprio Padre Ibiapina redigiu o estatuto e o regulamento interno que serviam a todas as vinte e duas instituições. Todo o trabalho das Casas e toda a rotina de uma maneira geral, de educação, oração, lazer, funcionava dentro de um regime de controle e vigilância previsto pelo Padre. Sua “sede”, onde ficava sua casa, foi sempre a Caridade de Santa Fé; de lá ele acompanhava as outras instituições comunicando-se com as Irmãs Superiores através de cartas⁹. O Estatuto compõe-se de seis capítulos. Os dois primeiros tratam dos fins da instituição. Em todo o texto se afirma a necessidade de amor ao trabalho, de disciplina e cumprimento das tarefas. Os dois primeiros capítulos expõem os eixos fundamentais da instituição: a educação moral e o trabalho. Havia uma organizada divisão do trabalho e o controle de tudo o que se produzia na instituição. Este controle era tal, que a Superiora deveria produzir todos os meses um mapa em que estivesse declarado todo o trabalho feito, constando inclusive a data de produção de cada produto e quem o teria produzido. Era uma forma de manter controle sobre as internas, sabendo quem se negava ao trabalho, quem eram as preguiçosas e quem cumpria bem o dever. Embora Celso

⁸Ver: Nascimento (2009), Madeira (2003) e Silva (2003).

⁹Várias destas cartas foram disponibilizadas por Celso Mariz (1997) em sua biografia sobre o padre e também por Comblin (1984).

Mariz (1997) afirma que os castigos eram brandos nas instituições, a punição era prevista no estatuto e a Superiora a responsável por sua execução:

Como a Superiora está obrigada a manter a ordem para alcançar os fins da instituição pelo trabalho e educação, tem direito a empregar os meios punitivos e correctivos segundo as circunstancias e occurncias, como será marcado no regulamento interno [Art. 14º, Cap. 3º]. (MARIZ, Celso, 1997, p. 284).

Além da Superiora, havia um “conselho das mulheres mais prudentes e discretas” (MARIZ, Celso, 1997, p. 285). Juntamente com a Superiora, o Conselho deveria deliberar sobre os meios de corrigir os costumes considerados maus, ajudar no controle do trabalho e no cumprimento das tarefas e corrigir quaisquer problemas surgidos na instituição. As Casas possuíam tantos teares quanto fosse possível. O Estatuto previa que era “o trabalho por hora mais lucrativo e por isso deixão-se todos os outros que offerecem menos vantagem” [Art. 23º, Cap. 3º]. (MARIZ, Celso, 1997, p. 285). A chamada “Visitadora” era responsável por corrigir os defeitos encontrados nas Casas e até poderia remover Superiores ou admitir conforme a necessidade constatada: “A Superiora nos casos graves recorrerá ao Inspetor Geral ou à Visitadora reclamando providencia como para mandar Mestra se lhe falta; se a Superiora está doente e periga a marcha da Caza ou qualquer providência extraordinária que seja mister para salvar a Caza.” [Art. 27º, Cap. 5º]. (MARIZ, Celso, 1997, p. 286).

No Regulamento Interno observamos o absoluto comando da rotina de todas as internas a fim de se garantir o cumprimento dos objetivos da instituição. O documento prevê desde o horário de acordar, fazer o asseio matinal, tomar café, dirigir-se às orações e às tarefas do trabalho. O dia começava nas Instituições às 4 horas e meia da madrugada, quando a Irmã do Coro, responsável pela limpeza e preparação da capela, deveria cumprir tais tarefas. Às 5 horas tocava a campainha para que as internas se apresentassem à Superiora. Todas as Irmãs – cozinheira, zeladora, roupeira (zelava a roupa da comunidade), enfermeiras (cuidava dos doentes), Mestras (professoras), tinham sua atividade prevista no Regulamento, indicando horário de execução e como realizá-la. A Superiora “caso quizer vêr sua Caza alcançar o fim” não deveria deixar “reinar a preguiça, a ociosidade, a conversa, mas o trabalho, o amor a Deos, o empenho na santificação dessas almas que não deve ter outro fim entrando nessas Casas.” [Art. 4º]. (MARIZ, Celso, 1997, p. 288). O controle se estabelecia também sobre o comportamento das internas, que não deveriam conversar ou fazer barulho; não poderiam se comunicar através de cartas senão fossem estas lidas pelas Superiores:

Todas as atividades e refeições na Casa seguiam horários pré-estabelecidos e rituais de comportamento dos quais faziam parte as orações. Com relação ao ambiente de trabalho, à divisão e o controle das tarefas, Araújo (1996) reproduz em sua biografia a seguinte descrição:

Ao entrarem, os visitantes achavam-se em uma grande sala, quase quadrada. Trabalhavam mais de trinta engenhos de fiar e as fiadeiras, com vozes angélicas, cantavam: “Não tenham pena de mim./ nesta tarefa ocupada, / estou sempre com Jesus/ nesta casa abandonada.” Nos lados direito e esquerdo havia salas menores, que se deixavam ver por grade e por grandes arcos, onde

á direita se fabricavam flores e havia outros trabalhos delicados e, à esquerda, a sapataria, onde trabalhavam várias irmãs em calçados, tanto bordados nas talagarças como em couro. Ao lado dessas salas, estavam os teares que, com o movimento natural do trabalho, davam uma existência doce e agradável. (ARAÚJO, F. Sadoc, 1996, p.534).

De cima do grande salão de trabalho, local onde ficava o dormitório das órfãs, irmãs e pensionistas, no púlpito, ficava a inspetora observando todo o trabalho e tomando nota sobre tudo que acontecia. Havia ainda outro grande salão, da extensão de toda a casa, que se dividia em três partes. Na primeira parte funcionava a escola de letras. A escola ensinava a ler, escrever, contar, costurar, bordar, fazer labirinto, e tudo mais que se julgava necessário na época para a educação completa de uma mulher. Na segunda parte do salão ficavam os trabalhos de alfaiataria, bordados e outras tarefas delicadas. Na terceira parte, a fiar no fuso, ficavam as órfãs que ainda não tinham força suficiente para os engenhos e ainda, as pequeninas “abrindo pastinhas para preparar o algodão para entrar na obra” (ARAÚJO, F. Sadoc, 1996, p.535).

Aos domingos não se trabalhava. Era o dia de reunir as internas e levá-las à Missa Paroquial. Este passeio era também rigorosamente organizado, saindo o grupo na seguinte ordem: primeiramente as órfãs, conforme o tamanho, as pequenas na frente; em seguida as pensionistas, seguidas pelas Mestras; logo após a companhia do trabalho de vestido preto e manto branco; no fim a Superiora e demais irmãs da Casa. Chegando à igreja deveriam entrar calmamente, com toda ordem, moderação e modéstia “porque então os olhares de todos esperão edificarem-se com esta scena magestosa e edificadora” (ARAÚJO, F. Sadoc, 1996, p.540). Todas deveriam demonstrar modéstia no olhar e recolhimento, portando-se em silêncio.

O trabalho, a caridade, a oração e as “boas virtudes” como norteadores podem ser analisadas não só a partir do regimento e estatuto das Casas de Caridade, onde aparecem previstos dentro do funcionamento de uma rotina planejada e organizada. O Documento intitulado “Livro de máximas espirituais”, encontrado na casa de Caridade erguida em Campina Grande e publicada posteriormente nos anexos do livro “Padre Ibiapina e a Igreja dos Pobres”, organizado por Gerorgette Desrochers e Eduardo Hoonart, de 1984, e publicado também com organização do Padre José Comblin em 1984 sob o título “Instruções Espirituais do Padre Ibiapina”, contém textos produzidos pelo próprio missionário e assinados por ele.

Neste documento encontram-se várias passagens que fazem referência ao trabalho, à oração e à caridade. É um dos pouquíssimos documentos em que aparece o pensamento do Padre Ibiapina, suas reflexões e meditações. No primeiro capítulo o missionário adverte: “O trabalho útil produz alegria, não só porque conforta a saúde do corpo, mas ainda por afugentar as nuvens escuras do peccado, e dar-nos em resultado os meios lícitos de subsistência¹⁰. (DESROCHERS, Georgette, HOORNAERT, Eduardo, 1984, p.141). O trabalho forte e constante deveria ser vigiado, como de fato ocorria nas Casas, a fim de não se perder para a preguiça, para a perda de tempo das conversas ociosas. Vejamos abaixo:

¹⁰Reproduzimos as passagens conservando a grafia da época.

Não fallo do trabalho em que o preguiçozo se occupa, fingindo trabalhar para enganar ao observador, e que no correr do dia não deixa rezultado; por ser elle sempre interrompido com a maldita convessa e outras maldades da preguiça que actrai poderosamente ao fingido trabalhador; fallo do trabalho forte, e obrigatório, que se da conta no fim do dia, e he só esse que afugenta os males da occiozidade, e faz vir os bens rezultante do trabalho. Os bens do trabalho e occupação constante, não se limitam a afugentar o enredo, a intriga e os males da sensualidade, mas traz a paz da consciência, abundancia do necessário, a boa reputação, a alegria e a consolação em orar a Deos com proveito d'onde vem a esperança que anima tanto a virtude. (PADRE IBIAPINA, In: DESROCHERS, Georgette, HOORNAERT, Eduardo, 1984, p.144).

Conforme o pensamento do Padre, o apego voluntário e de boa vontade ao trabalho significava uma aceitação feliz e dedicada a Deus. Nestes termos ele escreveu ainda que havia dois meios de se orar a Deus com proveito: um seria levantando o pensamento, ou dirigindo a palavra a deus (a oração em si); e a outra forma seria trabalhando por amor a Deus e “em dezempenho do dever do próprio estado” (PADRE IBIAPINA, In: DESROCHERS, Georgette, HOORNAERT, Eduardo, 1984, p.144). O trabalho seria uma espécie de oração dedicada porque nele não caberiam quaisquer distrações e ele seria prova material de dedicação e amor. E seria também uma forma de penitência natural. Assim ele afirma:

A primeira oração pode não aproveitar pela distração, tibieza, ou falta do sincero, e verdadeiro amor de Deos; mas a segunda, que se firma em provar o amor sincero e verdadeiro Deos pelo trabalho He sempre proveitoza. Na oração mental ou oral há commodo ou seja nas cazas ou nas Igrejas, mas o trabalho custa fadigas, mortificações, e grandes privações. (PADRE IBIAPINA, In: DESROCHERS, Georgette, HOORNAERT, Eduardo, 1984, p.144).

Trabalhar seria o meio ideal de ocupar o pensamento, salvaguardando o espírito do mal, consertando ideias desvairadas que enfraquecem o cérebro e tiram a razão do homem. Trabalhar ajudaria ordenar o espírito, que teria uma tendência a extraviar. (PADRE IBIAPINA, In: DESROCHERS, Georgette, HOORNAERT, Eduardo, 1984). Tais instruções serviam para orientação de todos nas Casas de Caridade e também constituíram linhas gerais de pensamento e conduta do Padre Ibiapina.

Este rigor e disciplina do trabalho que orientavam o comportamento e o ensino proporcionado nas Casas de Caridade eram referência na sociedade. As meninas das Casas eram bem vistas e contam os biógrafos que famílias abastadas encaminhavam suas filhas como pensionistas para serem educadas. Em suas máximas espirituais, são enaltecidos os valores da obediência, da humildade, do amor à pobreza, à caridade e o silêncio:

A partir desta orientação moral para a vida prática se deve considerar o projeto educacional do Padre Ibiapina para educação feminina. Uma educação que se constituiu paradoxalmente do conservadorismo mantenedor de um lugar passivo destinado à mulher na sociedade – como boa mãe, boa

esposa, mulher de hábitos rigorosos, comedidos, mas ao mesmo tempo imbuída de uma progressista visão iluminista de educação para as letras e para o trabalho. Este paradoxo deve ser analisado cuidadosamente. Sua reprodução de uma moral cristã que previa o modelamento do comportamento feminino baseado numa conduta de tolerância, obediência e sacrifício, inspirado pela imagem da Nossa Senhora, somava-se a uma expectativa avançada para a época: tornar a mulher apta para o trabalho, capacitando-a para prover a própria existência. E ainda, dotá-la de um repertório cultural, no aprendizado das letras e das artes, o que representava algo absolutamente incomum. Quanto ao modelo educacional do Padre Ibiapina, pode-se dizer que ele aliava saberes profissionais, saberes educacionais básicos e uma educação moral, todos orientados pela noção de utilidade, de disciplina, de regularidade do trabalho. Na época eram raros ainda os estabelecimentos para a educação masculina e mais ainda para a educação das mulheres, embora as primeiras tentativas de organização de um sistema educacional público no Brasil tenham se dado ainda nas primeiras décadas do império¹¹. Após a proclamação da independência a Assembléia Constituinte e Legislativa deu início às propostas de criação de uma legislação própria para organizar a educação nacional. Já em 1824, com a constituição outorgada, definia-se que a instrução primária seria gratuita para todos os cidadãos. No ano de 1827, em 15 de outubro, a Assembléia Legislativa aprovou a primeira lei sobre a instrução pública nacional do Império do Brasil, propondo que fossem criadas escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugares populosos.

Ele não deixou quaisquer tipos de prescrição ou direcionamento a serem seguidos pelas Casas, diante da possível desorientação que estas viriam a sofrer dada a sua morte. Este mesmo sentimento de conformismo orientava seu pensamento no que diz respeito à condição da pobreza e à necessidade do trabalho. Os pobres deveriam viver como pobres, aceitando a condição imposta pelo desejo divino. Além disso, deveriam viver esta condição com humildade, e honrá-la e dignificá-la através do trabalho, que ele valorizava como um bem.

Podemos afirmar que sua obra e seu pensamento eram imbuídos de um germe transformador da realidade, que não encontrava condições plenas de se realizar dado o sentido de alheamento com relação às reais origens da pobreza e da miséria. Um sentido de afastamento construído talvez intencionalmente pelo próprio Padre Ibiapina. Tendo sido ele uma figura pública, que conhecia por dentro o mundo da política, sua aceitação e conformismo parecem ter sido resultado de um desencanto e uma descrença generalizada nas instituições e autoridades públicas enquanto provedores do bem estar público social. Ao mesmo tempo sua obra se reveste de um forte caráter político e público, num momento em que a república brasileira estava longe de se ver constituída. Através do exercício de uma religiosidade popular, encabeçando a execução de tarefas atribuídas aos poderes públicos, o missionário tentou resolver os problemas que afligiam os pobres de sua época em sua região.

ÉTICA, RELIGIOSIDADE E PRAGMATISMO

A obra do missionário expressa uma tentativa de resolver em vida os problemas que encontrou e os deixou para a providência divina tomar conta após sua morte. Em vida, uniu uma ética religiosa a ações

¹¹Claro que estamos considerando aqui as iniciativas educacionais empreendidas pelos jesuítas e por outros religiosos bem antes do século XIX. Tais iniciativas devem ser lembradas, mas nos referimos ao sistema público de educação organizado pelo Estado.

práticas. Usamos aqui a expressão “ética religiosa” conforme expressa Weber (1982) em “A Psicologia das Religiões Mundiais”. Não se trata de uma expressão focalizada nas teorias éticas dos compêndios teológicos, embora ele reconheça a importância destes compêndios. Mas sim de uma compreensão que se refere aos “impulsos práticos de ação que se encontram nos contextos psicológicos e pragmáticos das religiões” (WEBER, 1982, p. 309).

As ações do Padre Ibiapina têm referência na doutrina Católica Cristã, no *ethos* religioso caritativo medieval, mas também incorporaram uma práxis avançada para o período histórico em que se inscrevem. Suas missões elegeram o trabalho como categoria mobilizadora do corpo social. O trabalho foi alçado a uma categoria pedagógica de educação e de disciplinamento executado com o fim não de adestrar, mas de retirar da pobreza os Homens por meio de suas próprias ações. Em que está o “moderno”? Com relação ao trabalho, encontra-se no lugar que tal categoria ocupou num modelo de produção e racionalização dos artigos que se produzia nas Casas de Caridade; o aspecto moderno também se encontra num racionalismo igualmente empregado na rotina das Casas de Caridade, nos rituais de comportamento e disciplinamento, todos previstos regimentalmente.

Esta ética moderna nos remete necessariamente às mudanças que o protestantismo vinha operando, no que diz respeito a uma revalorização e uma reinterpretação dos preceitos do trabalho. Contudo, seria um erro produzir um enquadramento deste caráter “moderno” das ações e obras do Padre Ibiapina aos preceitos modernos protestantes. Diríamos que algumas similitudes se revelam, de fato, como consequência da forma como se dá o enfrentamento real de demandas práticas: diante da necessidade de ordenar, organizar e resolver os problemas gerados pela miséria, pelas secas, pelas doenças, nos sertões do Nordeste, o Padre Ibiapina manifestou um comportamento racionalista e metódico; esta disposição foi fundamental durante a organização dos mutirões de trabalho, para erguer as suas instituições de caridade, para levantar obras como hospitais, açudes, cemitérios, etc.

Na clássica obra *A ética protestante e o Espírito do capitalismo*¹², Max Weber (2004) debruçou-se sobre a compreensão de um *ethos* protestante, que seria o portador de um espírito racionalista, metódico, capaz de fornecer o suporte para a acumulação de capital através de uma relação entre o sujeito e a religião. De acordo com a ética protestante, o trabalho seria concebido como vocação divina, e os seus resultados, como bênçãos do senhor, livrando do sentimento de culpa aqueles que trabalhavam buscando acumular riquezas, praticando uma ascese mundana. Weber relacionou o papel do protestantismo na formação do comportamento típico do capitalismo, através da análise das condutas dos indivíduos motivados pelos valores religiosos¹³.

Mas a ética do trabalho praticada por Ibiapina não tinha a intenção de acumular riquezas, embora um modelo produtivo tenha sido empregado. A produção das Casas de Caridade – de tecidos, chapéus, sapatos, etc., servia fundamentalmente para manutenção das instituições. Outro aspecto a ser ponderado é se esta ética concebia o trabalho como vocação. E ainda, em que ela também se manifestou enquanto uma ética tradicional do trabalho.

Weber indica que na ética protestante a idéia do trabalho como vocação relacionou-se com uma idéia nova, qual seja, a valorização do cumprimento do dever no seio das profissões, o que provocou

¹²Originalmente a obra foi publicada sob a forma de dois artigos em 1904 e 1905, em alemão: *Die protestantische Ethik und der ‘Geist’ des Kapitalismus*. No Brasil, a primeira publicação foi em 1967.

¹³Não custa destacar que Weber não está tentando explicar o capitalismo exclusivamente através da ética protestante; ele analisou a interação entre as ideias religiosas e o comportamento econômico capitalista, sendo este um dos aspectos importantes.

mudanças na representação religiosa do trabalho mundano de todo dia. Sendo assim, tornou-se um meio de agradar a Deus viver em cumprimento dos deveres terrenos. Do que decorre a compreensão de que o cumprimento destes deveres é também vontade de Deus, o que por sua vez, torna lícita toda profissão. Trata-se de uma nova qualificação moral da vida profissional, de trabalho.

Certamente o aspecto da valorização do “cumprimento do dever”, esteve presente fortemente na ética do trabalho de Ibiapina, o que não nos permite afirmar que ele concebia o trabalho enquanto uma vocação, nos moldes do protestantismo. A forma como ele tratou as obrigações dentro das Casas de Caridade bem como conduziu por meio de um discurso moralizante os mutirões de trabalho, indicam-nos que o trabalho também era uma penitência. E a penitência também se revestia de instrumento de oração. Afinal, a ocupação das mentes ociosas através do trabalho representava uma maneira de aproximação com Deus.

Os aspectos tradicionais e modernos desta ética não são fáceis de analisar, sobretudo porque não são antagonistas. Ao contrário, se coagulam numa relação tensionada que acomodava elementos os mais distintos. É tradicional na medida em que se adequou às possibilidades e determinações da época. Aprender a fiar, tecer, costurar, plantar sementes, fazer chapéus de palha, etc., constituíam processos de trabalho tradicionais da época. E esta ética do trabalho reiterava a inserção social numa ordem escravocrata, a qual não chegou em nenhum momento a ser explicitamente questionada por Ibiapina. Além disso, outro aspecto tradicional é que as mulheres nas instituições eram mantidas rigorosamente como seguidoras de um modelo conservador de comportamento inspirado na figura de Maria, mãe de Jesus: deveriam ser resignadas, comedidas, virtuosas.

Mas também é moderna, contém elementos que a caracterizam como uma ética distinta para o tempo e para a região. O trabalho executado por mulheres, mesmo dentro de um modelo cristão-conservador, revela um papel ativo que lhes era destinado, não só na execução das tarefas, mas também no direcionamento das instituições, já que quem estava à frente das Casas eram as Superiores e acima das Superiores, as Visitadoras. Possuiu uma profunda racionalidade econômica e esteve ligada a um ideário de educação através do trabalho, num período em que a ordem escravocrata era ainda vigente, o que fazia com que o trabalho, sobretudo o trabalho braçal, fosse visto com tarefa aviltante, destinada aos escravos. Além disso, produziu um sentido de provimento material orientado por preceitos civis. Neste sentido, forjou-se uma ética de trabalho, conduzida por sentimentos e práticas religiosas, e o resultado foi a adoção de direcionamentos pragmáticos de organização social da vida.

Este sentido pragmático de condução da vida, baseado na resolução dos problemas enfrentados – fome, doenças, pobreza, secas – que determinava as ações do missionário e orientava os mutirões de trabalho para as construções, está presente nos documentos que prevêm o ordenamento, a organização e o funcionamento das instituições de caridade. E ainda, se manifesta através dos poucos textos escritos pelo missionário. As cartas escritas para as irmãs de caridade que estavam à frente das instituições, e algumas reflexões do missionário revelam o caráter da “espiritualidade” do missionário, que segundo Comblin (1984) foi eminentemente prática e realista. Para Ibiapina, o centro da vida espiritual era “o trabalho como serviço concreto ao próximo.” (COMBLIN, J., 1984, p.22).

Ibiapina conduzia todas as Casas de Caridade a partir da determinação do cumprimento do que estava previsto no estatuto e no regimento geral das instituições. Seu acompanhamento se dava através das cartas escritas às Superiores, as quais fornecem o sentido de urgência para resolução dos problemas, objetividade e pragmatismo. Numa delas, uma das cartas sem data, ele chega a ensinar

um modelo de redação às irmãs para que estas tivessem também objetividade quando noticiassem o andamento das instituições:

Quero dar-lhe lição para escrever-me. Não conte historia, poucas palavras bastão. Vai um modelo: “Por bondade de Deus vai sem novidade a Caza, apenas tem F. doente ou falaceu F. Os trabalhos vão regularmente, etc. Falta ou não falta, o necessário, e tal coiza nos he necessário. Nada de extraordinário occorre sobre isto ou aquilo. Todas temos saúde e pedimos abençoar, etc.” É este, pouco mais ou menos o estilo, fazendo-me conhecer o estado da casa e occorencia desta. (Carta sem data; MARIZ, C. 1997, p.295).

Pelo texto observamos as preocupações do missionário. Como conduzia muitas instituições ao mesmo tempo e de longe, já que peregrinava por muitos lugares e teve que se estabelecer nos últimos anos de vida em Santa Fé, por causa da paralisia e das doenças que o acometia, interessava-o saber o que acontecia de importante nas instituições, como estavam de provimentos, de saúde – os internos e as irmãs, e como andavam os trabalhos. As cartas contêm instruções para que as irmãs se mantivessem sempre rigorosas no cumprimento das instruções já definidas pelo estatuto e regimento das Casas. O rigor no zelo das virtudes, do comportamento dos internos é uma tônica permanente. Ele acompanhava através das cartas a qualidade e a produtividade das instituições e estabelecia até mesmo comparações entre elas. O trecho abaixo, de uma carta de 14 de fevereiro de 1875, escrita à irmã de Pocinhos manifesta esta preocupação:

He conveniente que você estabeleça a regra nos engenhos para fiarem fino, diminuindo as tarefas no pezo para obtermos tecidos que se vendão e apreciem. He hoje Cabaceiras que melhor trabalha e por isso seus trabalhos são com empenho procurados e é ainda uma razão para serem desapreciados os trabalhos de outras Cazas em comparação que se faz com os daquela. (MARIZ, C. 1997, p.297).

Noutro trecho, ele adverte a Irmã da necessidade de racionalizar o sustento da instituição, e ainda de melhorar a qualidade da produção:

Faça toda economia no sustento da Caza; porque não há dinheiro, nem eu posso socorrer. Corrija os defeitos no fio e tecidos; porque infelizmente não teem extração os tecidos dahi. A caza não se ocupa noutra couza, parece que devia fazer bem uma só empresa. (Carta de 2 de março de 1875; MARIZ, C. 1997, p.298).

As mesmas recomendações aparecem noutra carta do mesmo ano:

Convem que tenham muito, bom panno, redes e panno de cor e eu receberei tudo isso aqui para ir suprindo o que por outro meio não puder. [...]

Toda economia em todo tempo he uma virtude, agora he uma necessidade imperioza; attenda portanto á dispensa, e que haja economia no azeite e no sabão, veja tudo isso com atenção que he um dos grandes méritos das Superiores, ver tudo, corrigir faltas, estabelecer planos de economia, mandando lavar roupa grossa de barrella e so tendo luz aceza em caza até as 10 horas, como lhe determinado no regulamento dessas Casas. (Carta de 28 de março de 1875; MARIZ, C. 1997, p.298).

Da qualidade da produção dependia sua boa venda e, portanto, a economia das instituições. Com muita clareza com relação a este preceito econômico, o Padre Ibiapina muitas vezes fazia recomendações às Superiores para que observassem não somente a quantidade, mas também os atributos da produção: “Recomendo que os tecidos sejam mais finos e de cores quanto possão ser”. (Carta de 07 de abril de 1875; MARIZ, C. 1997, p.298).

A produção deveria ser controlada pelas Irmãs através da elaboração de mapas, como indicamos em capítulo anterior. Estes mapas deveriam ser informados ao Padre Ibiapina, que os analisava: “Irmã Superiora quando mandar fazer os mappas analise-os para ver se estão sertos como também o balancete de receita, e lhe advirto que encontrei falta nelles portanto os purifique que me venham regular.” (Carta de 18 de junho 1876; MARIZ, C. 1997, p.308).

Através do acompanhamento da produção, ele aconselhava adoção de diferentes métodos de trabalho e questionava quando percebia pequeno resultado. Também era constante a orientação às Superiores para que proibissem conversas desnecessárias que prejudicassem a produção. Este controle e as advertências para racionalização dos custos se relacionam com a seca vivida na época, que diminuía consideravelmente o número de víveres disponíveis para manutenção das Casas. Neste sentido, a produtividade atendia primordialmente a manutenção básica das instituições.

Seus direcionamentos voltavam-se para a ação e ele não permitia perder tempo. A religiosidade, a oração, o trabalho uniam-se na transformação desta ação em “obras úteis” – como definiu Comblin (1984): “Não há tempo a perder: todas as horas são de Deus; por isso sejam empregadas todas as horas do dia nos trabalhos de casa, que são de Deus, na oração e em caminhar para a perfeição.” (Carta dirigida a todas as Irmãs de caridade; sem data. COMBLIN, 1984, P. 48).

Espiritualidade fundada no trabalho. É assim que Comblin (1984) define a espiritualidade de Ibiapina. “Forte, realista, austera e dura.” (1984, p.47). Voltada para “o serviço material aos abandonados” (1984, p.47). As definições de Comblin nos ajudam a pensar a experiência religiosa empregada por Ibiapina. Uma experiência que deve ser compreendida num contexto em que a pobreza extrema atingia a população do interior do Nordeste, portanto “qualquer relaxamento no trabalho” (1984, p.47) colocava em perigo a própria subsistência.

Este comportamento pragmático religioso que se estendia às ações e à condução das obras leva-nos a pensar na interação entre os diferentes aspectos da experiência religiosa produzida pelo

missionário Ibiapina. Do ponto de vista weberiano poderíamos afirmar que não se poderia explicar a economia exclusivamente através da moral ou da religião, nem a religião através da economia e da moral; a Sociologia, interessada não na essência do fenômeno religioso, não em especulações sobre os dogmas, teologias concorrentes ou na legitimidade das crenças, deve voltar-se para o comportamento ao qual o fenômeno religioso dá origem, observando experiências particulares e representações e fins determinados. Neste sentido é que nos cabe pensar a inspiração religiosa do Padre Ibiapina e a condução prática da vida socialmente e, sobretudo, economicamente.

Não nos deteremos aqui à cautelosa análise de Weber acerca das distinções entre as diferentes religiões. Nem sobre as tensões naturalmente existentes entre os campos da economia, política, arte, sexualidade, conhecimento, com o campo religioso. Interessa-nos destacar uma de suas idéias centrais acerca das relações entre a religião e a vida prática: primeiro, que não há separação entre elas, já que “a vida religiosa se move entre o ordinário e o extraordinário” e já que os Homens “não são somente seres lógicos, ou mesmo psicológicos, porém, sobretudo históricos” (FREUND, J. 2010, p.158). Se uma ética econômica não é simplesmente uma função de uma forma de organização (WEBER, 1982), pode-se apreender daí que nenhuma ética econômica foi, jamais, determinada unicamente pela religião: “Frente à atitude do homem para com o mundo determinada pelos fatores religiosos ou outros fatores “íntimos” (em nosso sentido) – a ética econômica tem, decerto, uma grande margem de autonomia” (WEBER, 1982, p. 310).

Embora muitos fatores determinem esta autonomia de que fala Weber, diz ele ainda que, embora a determinação religiosa seja um dos elementos terminantes da ética econômica, certamente o modo de vida “determinado religiosamente é, em si, profundamente influenciado pelos fatores econômicos e políticos que operam dentro de determinados limites geográficos, políticos, sociais e nacionais. (WEBER, 1982, p. 310).

Disto isto, podemos pensar que a ética econômica praticada por Ibiapina, que constituiu um dos aspectos do que consideramos ter sido sua ética de trabalho, já que compreendemos esta última como uma ética mais ampla que incorpora as ações de trabalho em si, a condução racional das Casas de Caridade, os mutirões organizados, a orientação moral do povo, a resolução dos problemas da fome, etc., se produziu conforme o contexto social exigiu. E nela estava presente a ética religiosa, uma ética moral de fundação de preceitos de organização cívica, e, ainda, portanto, um tipo peculiar de ética social, que atendia às necessidades daquele povo, daquela região, daquele tempo histórico.

Claro que por mais incisivas que sejam as influências sociais, políticas e econômicas sobre a ética religiosa, esta “recebe sua marca principalmente das fontes religiosas e, em primeiro lugar, do conteúdo de sua anunciação e promessa” (WEBER, 1982, p.312). Contudo, as reinterpretações realizadas do conteúdo destas anunciações e promessas geralmente adaptam-nas às necessidades da própria comunidade religiosa. Daí também se pode extrair outra análise: a ética pragmática do Padre Ibiapina, sua espiritualidade “prática e realista” (Comblin, 1984), representou ação, se consideramos suas obras. Mas, considerando suas “fontes religiosas”, também representou resignação e conformismo.

O sentimento de resignação, neste caso, tem origem na crença religiosa do Padre de que tudo que pudesse ocorrer na terra seria ação da providência divina. Esta forma de encarar a realidade é à primeira vista profundamente contraditória se a colocarmos ao lado da maneira de agir sobre esta mesma realidade que encontrou o missionário Ibiapina. Com resignação e conformismo ele encarava a doença, a morte, o pesar da vida de trabalho. Em um trecho de suas Instruções e máximas espirituais

ele dizia: “Deixemos que o mundo todo venha contra nós, porque nenhum cabelo cairá da nossa cabeça sem o querer do onipresente.” (COMBLIN, 1984, p.30). Numa das cartas de 1875, dando notícia sobre os doentes, ele escreveu: “Os doentes são os mais alegres, por morrerem cercados de tantos favores da Caridade – quem vive para Deus e teme o pecado não pode ter outros sentimentos.” (Carta de 1875 escrita à Superiora de Pocinhos-PB; MARIZ, C. 1997, p.295).

A necessidade de ocupação do tempo com obras úteis – aos outros, no sentido de uma prática caritativa – promovia a construção de uma experiência religiosa voltada para a comunidade e expressava com clareza a relação entre a religião, enquanto ritual, doutrina e princípio moral, e a vida prática. E da vida fazia parte o pesar e o sofrer:

O nosso Bom Jesus abraze seo coração em seo divino amor, que a faça achar leves os trabalhos da vida, e sacrificios, esperando do ceo a recompensa, e deste mundo sofrimentos, lembrando-se do dito de Sta. Thereza: sofrer, sofrer, e não gozar neste mundo, esperando a desforra aos pés do trono de Jesus. (Carta de 15 de setembro de 1875; MARIZ, C. 1997, p.303).

O que quer que fosse feito, em nome da caridade, para ocupação útil do tempo, deveria ser dedicado a Deus, sem espera de reconhecimentos ou recompensas:

Ninguém obre para que o mundo se lembre de si, porque o que obrou, passou, e **o passado é a morte das coisas**. Delas se esquecerão. Mas obrai por amor de Deus, porque, quando o beneficiado se esquecer do benefício, Deus sempre tem presente o benfeitor para premiá-lo. (*Instruções e máximas espirituais do Padre Ibiapina*. COMBLIN, 1984, p. 32; grifos nossos).

Na mesma esteira, manifesta o Padre Ibiapina sentimentos melancólicos quanto trata da felicidade terrena. Vejamos abaixo uma extensa, porém importante, reflexão do missionário sobre o assunto:

As felicidades deste mundo são mais aparentes e enganadoras que reais, ou antes são verdadeiras infelicidades. Os que isto ouvem dizer, julgam ser erro de espíritos desvairados, julgar infeliz o que goza as felicidades do mundo. Mas o homem observador e pensador experimentado, que estuda os acontecimentos e a história do mundo, deve ser atendido em seu juízo. Subido a um alto monte, onde as influências das paixões soberbas e maldades nos tira a liberdade de pensar e deixar ver as coisas sem véu, nem o escuro do vapor maligno das misérias humanas, dirá: achei a verdade: daqui vejo as coisas, e aprecio pelos seus justos valores. Só do alto se vê bem o que está baixo; é preciso colocar-nos acima das misérias do mundo para bem as ver e apreciar. Então o pensador conhece e claramente vê o que viu Salomão, e como ele também diz: tudo neste mundo é vaidade e inútil, aflição de espírito,

sacrifícios inúteis e perdidos. Estudando a marcha da Divina providência, sua sabedoria e bondade, diz, como Salomão: só é feliz quem serve a Deus e guarda sua direção e preceitos. E digam os felizes do mundo, se gozaram como ele das felicidades que há na terra, se há alguém que soubesse e saiba como ele. Contudo, na idade de mais de 60 anos, tendo esgotado o cálice de todos os prazeres mundanos, no empenho de ser feliz com esses gozos, honras e glórias, com tudo... repassando no seu espírito os gozos e todos os [bens] que pode o homem gozar, os sucessos da vida e da humanidade, disse desenganado: Não há felicidade nas felicidades deste mundo, mas ilusão, verdadeira desgraça no que o homem pensa que gozando tudo quanto queira, tem no coração um constante vazio, e desgosto dos mesmos gozos que o seduziram; não pode deixar de conhecer que viveu enganado, quando tudo é vaidade e aflição de espírito em pura perda dos sacrifícios que fez para gozar o que não tem o valor que lhe dava, encerrando males que não se conheciam. (Quatro reflexões sapienciais sobre a felicidade. COMBLIN, 1984, p.75-77; grifos nossos)¹⁴.

Comblin (1984), na apresentação destas reflexões, afirma que elas aparecem como se fossem “o fruto de uma experiência desiludida” (1984, p. 75). Diz ainda que são alheias à cultura moderna, contém os chavões culturais da época e são um eco do livro de Eclesiastes. Mas elas suscitam muitas outras questões e análises. Estaria o Padre Ibiapina analisando seus próprios sentimentos e desilusões com uma falsa felicidade terrena? Quem seria o “homem observador e pensador experimentado, que estuda os acontecimentos e a história do mundo”, senão ele mesmo? É ele mesmo, enquanto um homem que teve parte de sua vida dedicada aos acontecimentos e à história do mundo, que estudou e observou a realidade, quem faz tais afirmações sobre a felicidade e a infelicidade. Sua reflexão sobre a felicidade não é uma reflexão genérica, nem tampouco baseada numa percepção do coletivo sobre o tema, nem mesmo destinada ao coletivo, mas é, sobretudo, uma reflexão pessoal. Uma conclusão elaborada por si e para si. Seria sim, fruto das desilusões do próprio missionário com a vida terrena. Na reflexão ele dispensa os gozos até mesmo com as glórias e honrarias; as quais provavelmente ele vivenciava, no mínimo por parte da comunidade que o referenciava com o máximo respeito e admiração.

Aqui se encontra o sentido da experiência religiosa para o próprio Ibiapina, a qual é transposta para a experiência religiosa coletiva que ele produziu. Somente na esfera do sagrado seria possível encontrar uma justificação para as desilusões deste mundo e projetar uma felicidade transcendental. Viver neste mundo seria enfrentá-lo; o enfrentamento se daria pela busca da virtude, pelo trabalho constante dedicado à Deus, pela resolução digna, conforme os preceitos morais e éticos de civismo, da pobreza e da indigência.

A resignação e o conformismo de que falávamos teve origem nas fontes religiosas, na medida em que foi nesta fonte que ele pôde projetar a felicidade transcendente, mas também na própria experiência e história de vida do padre. O que reitera o fenômeno religioso enquanto experiência que torna a vida social, sobretudo, uma experiência prática, além de simbólica e/ou mística.

¹⁴Estas reflexões, que se encontram no livro organizado por Comblin (1984), também fazem parte do manuscrito encontrado na Casa de Caridade de Campina Grande (PB).

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, F. Sadoc de. **Padre Ibiapina: peregrino da caridade**. São Paulo: Paulinas, 1996. Coleção testemunhas. Série Heróis, 1996.
- BARROS, Luitgarde O. C. **Do Ceará, três Santos do Nordeste**. 2008. Disponível em: www.portfolium.com.br. Acesso em: 15 de abril de 2008.
- BEZERRA, Osicleide de L. **Trabalho, pobreza e caridade: as ações do Padre Ibiapina nos sertões do Nordeste**. Natal, RN: Tese de Doutorado em Ciências Sociais, UFRN, 2010.
- CARVALHO, Ernando Luiz Teixeira de. **A Missão Ibiapina: a crônica do século XIX escrita por colaboradores e amigos do Padre Mestre atualizada com notas e comentários**. Passo Fundo: Berthier, 2008.
- COMBLIN, José (Org.). **Instruções espirituais do Padre Ibiapina**. São Paulo: Edições Paulinas, Coleção “Oração dos Pobres”, 1984.
- DESROCHERS, Georgette, HOONAERT, Eduardo. (Orgs.). **Padre Ibiapina e a igreja dos pobres**. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.
- DUARTE, Paulino. **Padre Ibiapina: traços biográficos encontrados no arquivo da Casa de Caridade de Santa Fé, em Arara**. Jornal “A imprensa”, 1913.
- _____. **Padre Ibiapina: traços biográficos encontrados no arquivo da Casa de Caridade de Santa Fé, em Arara**. Jornal “A imprensa”, 1914.
- _____. **Padre Ibiapina**, notas sobre a sua vida, extraídas do arquivo da casa de caridade de Santa Fé. Tipografia Pernambucana, Paraíba do Norte, 1915.
- _____. **Padre Ibiapina**, notas sobre a sua vida, extraídas do arquivo da casa de Caridade de Santa Fé. Revista do Instituto Histórico do Ceará – RCI, 1913 (p.188-202), 1914 (p.93-98), 1915 (p.90-142).
- FRAGOSO, H. **A Igreja na formação do Estado liberal**. In: HAUCK, J. E, FRAGOSO, H., BEOZZO, J. O., GRIJP, K. V.D., BROD, B., História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo. Segunda época: a igreja no Brasil no século XIX, Petrópolis, RJ: Edições Paulinas, 2ª ed., 1985.
- FREUND, Julien. **Sociologia de Max Weber**. Tradução de Luís Claudio de Castro e Costa, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 5ª ed., 2010.
- HOONAERT, Eduardo. **Crônica das Casas de Caridade fundadas pelo Padre Ibiapina**. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

_____. **O Cristianismo moreno no Brasil.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

MADEIRA, Maria das Graças de Loiola. **Entre orações, letras e agulhas:** a pedagogia feminina das Casas de Caridade de Padre Ibiapina - sertão cearense (1855-1883). Tese de doutorado, Universidade Federal do Ceará, 2003.

MARIZ, Celso. **Ibiapina:** um apóstolo do Nordeste. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, Conselho Estadual de Cultura, 3ª ed., 1997.

MONTEIRO, Manoel. **Padre Ibiapina: advogado, pastor e... Pai dos órfãos.** Campina Grande, PB. Literatura de Cordel, 2006.

NASCIMENTO, Maria Célia Marinho. **Filhas e irmãs do Padre Ibiapina:** educação e devoção na Paraíba (1860-1883). Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Paraíba, 2009.

SILVA, Andréa Bandeira. **As beatas de Ibiapina:** do mito à narrativa histórica: uma análise histórica usando a abordagem de gênero sobre o papel feminino nas Casas de Caridade do Padre Ibiapina (1860-1883) Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, 2003.

SILVA, Lemuel Rodrigues. **O discurso religioso no processo migratório para o Caldeirão do beato José Lourenço.** Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2009.

WEBER, Max. (1982), **Ensaio de Sociologia,** Tradução de Waltensir Dutra. Revisão de Fernando Henrique Cardoso. Rio de Janeiro: LTC Editora, 5ª ed., 1982.

_____. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo.** Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. Revisão geral de Antônio Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras (edição comemorativa), 2004.